



Recebido em 14/12/2024  
Aceito em 24/12/2024  
DOI: 10.26512/emtempos.v24i45.56431

## NOTA DE PESQUISA

# Moedas Bretãs na Idade do Ferro: A Influência de Filipe II da Macedônia na Construção da Cunhagem Celta

British Coins in the Iron Age: The Influence of Philip II of Macedon on the Construction of Celtic Coinage

**Ana Bustamante Ayala**

Graduanda em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0009-0008-8122-321X>

**RESUMO:** Este artigo examina as técnicas e símbolos empregados nas moedas celtas evidenciando a influência de cunhagens de imitação de moedas de Filipe II da Macedônia (final do século IV a.e.c.) na criação da cunhagem celta. A análise é conduzida sob a perspectiva metodológica da numismática por meio do quadro teórico da arqueologia histórica e dos estudos de cultura material que compreende a classificação, tipologia e interpretação das moedas como fontes históricas. Este estudo observa, em particular, as representações de motivos iconográficos de divindades, cavalos, cavaleiros, bem como formas mais abstratas, explorando os seus significados no contexto das sociedades celtas insulares. O trabalho destaca como a introdução das técnicas e ideias de cunhagem mediterrâneas impactou a produção de moedas na Grã-Bretanha, evidenciando uma interação complexa entre diferentes culturas monetárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Iconografia Monetária. Documentação Numismática. Ilhas Britânicas.

**ABSTRACT:** This article examines the techniques and symbols used on Celtic coins, highlighting the influence of imitation coinage by Philip II of Macedon (late 4th century BC) on the creation of Celtic coinage. The analysis is conducted from the methodological perspective of numismatics through the theoretical framework of historical archaeology and material culture studies, which includes the classification, typology and interpretation of coins as historical sources. This study looks in particular at representations of iconographic motifs of deities, horses and riders, as well as more abstract forms, exploring their meanings in the context of insular Celts. The work highlights how the introduction of Mediterranean minting techniques and ideas impacted coin production in Great Britain, emphasizing a complex interaction between different monetary cultures.

**KEYWORDS:** Monetary Iconography. Numismatic Documentation. British Isles.

## Introdução

A numismática é o estudo de moedas, cédulas e medalhas. Esta pesquisa tem como foco as cunhagens (produção de moedas) das sociedades autóctones que habitavam a Grã-Bretanha. O estudo das moedas é um recurso fundamental para a compreensão dessas sociedades durante a Idade do Ferro bretã<sup>1</sup> (c. século VIII a.e.c. – c. século I d.e.c.), popularmente conhecidas como celtas. Como as populações citadas eram ágrafas (Garrow; Gosden, 2012, p. 43 e 111), a cultura material produzida e consumida por esses grupos torna-se uma forma de texto. Nesse contexto, a moeda assume um local tanto de texto quanto de imagem. Ela tem o papel de conectar a cultura, a conjuntura e a visão de mundo desses grupos por meio dos processos de manufatura da cunhagem, assim como nas escolhas iconográficas que expressam a cultura local, superando uma atribuição exclusivamente sociopolítica da moeda.

A cunhagem torna-se um importante objeto de estudo para compreender a cultura material celta na Idade do Ferro bretã, sobretudo devido ao processo de agenciamento que a história dessas populações adquire por meio da análise da numismática do período. Produzida especialmente no último quarto da Idade do Ferro bretã, a cunhagem permite interpretar culturalmente as sociedades da Grã-Bretanha, indo além dos relatos escritos, predominantemente redigidos por romanos. Essa análise possibilita entender as divergências culturais entre as populações autóctones da região, evitando a homogeneização e reconhecendo que “o que hoje chamamos de ‘região’ ou ‘tribo’ pode ter sido composto por uma série de comunidades politicamente independentes que, por quaisquer razões, partilhavam uma moeda comum” (Rudd, 2010, p. 10)<sup>2</sup>.

Existem debates<sup>3</sup> sobre qual seria o melhor termo a utilizar-se quando

---

1 O termo ‘Idade do Ferro’ é amplamente utilizado na arqueologia e na história para referenciar um sistema de divisão da pré-história em três períodos consecutivos, baseados no método predominante de manufatura de ferramentas: a Idade da Pedra, a Idade do Bronze e a Idade do Ferro. Na Grã-Bretanha, a Idade do Ferro é delimitada entre c. século VIII a.e.c. e c. século I d.e.c. Contudo, ao nos referirmos à Idade do Ferro europeia de forma generalizada, o período é geralmente compreendido entre c. século XII a.e.c. e c. século VI a.e.c.

2 “What we today call a ‘region’ or a ‘tribe’ may have been composed of a number of politically independent communities who, for whatever reasons, shared a common coinage.” Tradução da autora.

3 Em Chapman (1992), o autor traça um histórico do uso do termo celta e discute suas implicações. No final da década de 1990, o debate ganhou destaque no periódico *Antiquity*, com contribuições marcantes de Megaw, J.V.S. e Megaw, M.R. (1996), Collis, John (1997) e James, Simon (1998), incluindo uma resposta às críticas feitas por Megaw, J.V.S. e Megaw, M.R. (1998). No século XXI, os debates sobre a utilização do termo celta continuaram a ser publicados a partir de contribuições de autores como Mattingly (2007), Rudd (2010) e Cunliffe (2003), que aprofundaram essas discussões, trazendo novas perspectivas ao tema.

falamos desses grupos. Celta é uma das expressões mais utilizadas e um termo guarda-chuva que representa grupos das Ilhas Britânicas até mesmo de partes do leste europeu. Assim, celta não é uma palavra que consegue delimitar geograficamente o objeto de pesquisa deste artigo. Tampouco é capaz de delimitar temporalmente os grupos que serão trabalhados, pois existem registros de culturas e línguas presentes muito além da Idade de Ferro.

Nas Ilhas Britânicas, a atual Inglaterra representa um caso único com o legado histórico do Império Britânico e do processo de ocupação pelo Império Romano (54 a.e.c. - 409 e.c.). A visão anglocêntrica aproxima-os do ideal de conquista do Império Romano como parte de um processo análogo ao de seu próprio Império. Dentro da historiografia:

(...) ainda existe um amplo consenso a favor de que os benefícios do domínio romano superem os impactos negativos que trouxe, e isto está intimamente ligado a questões de nostalgia nacional pelo nosso próprio império perdido. Como resultado, temos uma relação curiosa e ambígua com a nossa herança romana, difícil de conciliar com os duros fatos da conquista e dominação romana. Em nossa mitologia nacional, o período romano é apresentado como um período de desenvolvimento e oportunidade, muito mais do que um período de derrota, subjugação e exploração. Surpreendentemente, há pouca atenção centrada nos temas da resistência e do subdesenvolvimento (Mattingly, 2007, p. 4)<sup>4</sup>.

A perspectiva da dominação romana dentro da mitologia nacional britânica, citada por Mattingly, refere-se à difusão da ideia de prosperidade e desenvolvimento durante o período da *Pax Romana* ou Paz Romana (século I a.e.c.-século II d.e.c.), que, além de Roma, acaba por reverberar no imaginário dos povos subjugados por ela. No resto das Ilhas Britânicas, a chamada cultura celta é mais enraizada na identidade nacional. A própria utilização da palavra *britannii* está relacionada ao uso do termo pelos romanos, como na obra *De Bello Gallico* de Júlio César (100 a.e.c - 44 a.e.c.), modificando seu etnônimo original: *prítani*. O termo significa pessoas das formas e consegue localizar as populações autóctones da Grã-Bretanha nos três principais fatores: cultural, temporal e geográfico (Rudd, 2010, p. 10). Entretanto, o uso de *prítani* restringe o alcance desses estudos para um grupo pequeno de pessoas, sendo assim, bretão é o termo mais comum para classificar as moedas a serem trabalhadas no presente artigo.

---

4 “(...) there is still a broad consensus in favour of the benefits of Roman rule outweighing the negative impacts it brought, and this is closely bound up with issues of national nostalgia for our own lost empire. As a result, we have a curious and ambiguous relationship with our Roman heritage, which is difficult to reconcile with the hard facts of Roman conquest and domination. In our national mythology, the Roman period is presented as one of development and opportunity far more than one of defeat, subjugation and exploitation. There is surprisingly little attention focused on the themes of resistance and underdevelopment.” Tradução da autora.

O recorte temporal do estudo abrange a Idade do Ferro bretã (c. século VIII a.e.c. – c. século I d.e.c.), com foco nas transformações econômicas, sociais e culturais das sociedades bretãs, considerando as dinâmicas de troca e as influências externas, como as reproduções de moedas mediterrâneas. O recorte espacial inclui a Grã-Bretanha, mas também estabelece uma conexão com a Gália e as trocas que ocorriam por meio do Canal da Mancha. O aporte teórico-metodológico combina o sequenciamento tipológico de Rudd (2010) e De Jersey (1996), que oferece uma estrutura para a classificação e datação das moedas, e a abordagem crítica de Kemmers e Myrberg (2011), que considera as moedas como fontes históricas e culturais. Caracterizando-se como uma pesquisa exploratória e qualitativa, o objetivo é compreender melhor as dinâmicas econômicas, sociais e culturais das sociedades bretãs por meio da análise da cunhagem na Idade do Ferro, utilizando estudos de caso de enterramentos do período e pesquisa bibliográfica sobre as cunhagens bretãs. O foco está em formular hipóteses sobre as influências externas e as transformações internas nas práticas de cunhagem, a partir do recorte temporal e espacial estabelecido.

### **A Cunhagem Bretã**

A cunhagem dentro da sociedade bretã na Idade do Ferro surge a partir de serviços celtas em exércitos mediterrâneos que traziam as moedas utilizadas como pagamento de volta às suas terras. A Gália teve grande influência nesse processo por meio de moedas de uma região ao seu norte conhecida como Bélgica que eram importadas para a Grã-Bretanha por meio dessas trocas militares. Essas cunhagens trazem “um aspecto fundamental das moedas, quer tenham sido produzidas na Grã-Bretanha ou França, que é o fornecimento de provas de movimentos por meio do Canal da Mancha e de relações de troca que de outra forma seriam invisíveis”<sup>5</sup> (Garrow; Gosden, 2012, p. 145). Consequentemente, o material numismático da Idade do Ferro é responsável por auxiliar no estudo dessas trocas e entender as relações entre as sociedades celtas continentais e insulares.

O processo iniciou-se como uma cunhagem bretã de imitação que tinha como objetivo primordial o uso pelos nobres da sociedade bretã para a efetuação de pagamentos e presentes para os seus súditos. A moeda era manufaturada de

---

<sup>5</sup> “A key aspect of coins, whether they were produced in Britain or France, is that they provide evidence for cross-Channel movements and exchange relations which are otherwise invisible.”  
Tradução da autora.

acordo com a necessidade, sendo considerada uma forma primitiva de dinheiro (De Jersey, 1996, p. 9). Se outras cidades já tinham economias baseadas na circulação monetária, essas populações autóctones da Grã-Bretanha começaram a utilizar as moedas como forma de câmbio monetário em um momento posterior comparado a outras civilizações da antiguidade ocidental:

As moedas da Idade do Ferro foram produzidas apenas no quarto e último quarto da Idade do Ferro britânica, sendo os primeiros 500 de seus 750 anos sem moedas (sem moedas importadas também). Mesmo no final da Idade do Ferro, a maioria dos bretões ainda não usavam moedas regularmente (Rudd, 2010, p. 9)<sup>6</sup>.

As moedas eram manufaturadas de dois modos: (1) batidas, sendo a maioria pois era um processo mais fácil de ser reproduzido e (2) fundidas, que eram mais presentes no início da cunhagem em Kent (sudeste da Grã-Bretanha) e no fim da cunhagem em Dorset (sudoeste da Grã-Bretanha). O processo de bater as moedas era feito com uso de um disco da liga metálica escolhida entre dois cunhos<sup>7</sup> com os *designs* selecionados invertidos. Batia-se com uma espécie de martelo em um dos lados, estampando, assim, as figuras no disco. A técnica de fundição consistia em derreter a liga metálica e despejar o material em moldes com os *designs*, que após a solidificação e resfriamento do material eram abertos revelando a moeda (De Jersey, 1996, p. 9-10).

As moedas eram divididas entre as de valor baixo - consideradas como de uso comum - e as de valor alto ou de ouro - utilizadas em trocas e presentes entre os nobres. Havia três metais principais usados para cunhagem na Idade do Ferro: ouro, prata e bronze. As proporções dos metais utilizados variavam em torno do peso desejado, maleabilidade e, principalmente, a cor almejada. Como exemplo desse fator, vemos moedas que normalmente são feitas com ouro tendo cunhagens com menos da metade da composição com esse metal, mas que mantém a coloração dourada típica do modelo da moeda (Garrow; Gosden, 2012, p. 145).

A composição das ligas metálicas nas moedas era similar às das moedas romanas, tendo o peso e as matérias primas semelhantes. Em alguns casos, ocorriam cunhagens de falsificação sendo sancionadas como oficiais, pois eram usados os mesmos cunhos de cunhagens oficiais. Esse método de aceitação de

---

6 “They were produced only in the fourth and final quarter of the British iron age, the first 500 of its 750 years being coinless (no imported coins either). Even in the late iron age most Britons still didn’t use coins regularly (...)”. Tradução da autora.

7 O cunho é uma peça de metal que possui em sua superfície o *design* invertido da moeda, imprimindo os motivos que estão presentes nas moedas.

cunhagens de imitação não era novidade da antiguidade ocidental. Na Grécia, independentemente de sua fabricação, as moedas deveriam seguir um padrão de regras determinadas pela *pólis*. A regulamentação abrangia da estampa até a matéria-prima utilizada para a criação das moedas e eram fiscalizadas pelo *dokimastís* (δοκιμαστής)<sup>8</sup>. Se as moedas falsas possuísem o mesmo caráter, valor ponderal e metálico que as moedas estabelecidas como oficiais, o uso das falsas seria permitido. Isso se dava, pois, de acordo com a *pólis*, o falsificador ao utilizar os mesmos materiais não possuiria lucro em cima da falsificação, sendo assim visto de uma forma não maliciosa.

Dessa maneira, as moedas falsas estariam assumindo o caráter de verdadeiras dentro da *pólis*. Entretanto, as moedas falsas que não seguissem as regras deveriam ser danificadas. Ou seja, existia uma dualidade dentro do falso: o falso bom e o falso ruim (Da Costa, 2016, p. 47). A reutilização da moeda muda somente o seu caráter, o material seria o mesmo. Nessa ressignificação do material, o falso não seria algo isolado do verdadeiro, mas sim algo que se mistura com ele, criando um novo caráter e destacando essa fluidez entre o falso e verdadeiro<sup>9</sup>. Assim como essas moedas falsas entram em circulação e assumem um caráter de verdadeiras, as moedas de imitação bretãs também assumem o papel de verdadeiras ao se tornarem moedas dentro da série de abstração das moedas oficiais.

A utilização do sequenciamento tipológico formulado por Rudd (2010) e De Jersey (1996) constitui uma importante ferramenta para a análise sistemática das moedas da Antiguidade bretã, oferecendo uma estrutura padronizada para a classificação e datação desses artefatos numismáticos. Ao estabelecer categorias específicas para diferentes tipos de moedas, esse sequenciamento permite uma abordagem prática e organizada do material, facilitando a comparação entre diferentes emissores e estilos de cunhagem. A precisão na identificação e classificação das moedas contribui significativamente para a construção de uma cronologia mais robusta, essencial para entender as transformações econômicas e sociais das sociedades bretãs. Além disso, essa metodologia oferece uma base sólida para a interpretação das mudanças nas práticas de cunhagem e a circulação

---

8 Cidadão responsável por verificar se as moedas eram verdadeiras.

9 As moedas falsas que não apresentavam as mesmas características materiais das verdadeiras — conhecidas como falsos ruínas — não conseguiam entrar em circulação. Por outro lado, as cunhagens falsas que se enquadraram na categoria de falsos bons eram aceitas, pois possuíam características materiais, valor ponderal e composição metálica semelhantes às moedas oficiais. Essas falsificações boas, indistinguíveis das moedas verdadeiras, eram ressignificadas como autênticas e integradas ao sistema de circulação monetária da sociedade grega.



monetária, refletindo dinâmicas de troca e de influências externas, como no caso das reproduções de moedas mediterrâneas.

Aliada a essa metodologia, a abordagem metodológica desenvolvida por Kemmers e Myrberg (2011) oferece uma perspectiva crítica e contextualizada, que considera as moedas não apenas como objetos materiais, mas como fontes históricas carregadas de significado cultural. Ao integrar a análise tipológica com uma avaliação do contexto histórico e cultural em que essas moedas foram produzidas e circuladas, essas metodologias proporcionam uma interpretação multifacetada do material numismático. Elas permitem que as moedas sejam vistas como elementos não apenas econômicos, mas também simbólicos, refletindo a identidade, as crenças e as relações sociais das populações que as cunhavam. A combinação dessas abordagens metodológicas possibilita uma análise precisa, contextualizada e fundamental para entender o papel das moedas como testemunhos históricos das sociedades bretãs e suas interações com outras culturas no recorte temporal estabelecido pela Idade do Ferro bretã (c. século VIII a.e.c.-c. século I d.e.c.).

### **Os Estáteres de Filipe II da Macedônia**

Algumas das moedas mais antigas encontradas na Grã-Bretanha são os estáteres<sup>10</sup> de ouro de Filipe II da Macedônia (382 a.e.c - 336 a.e.c). Essas moedas foram manufaturadas na Gália a partir do final do século IV a.e.c, baseando-se no estáter produzido durante o reinado de Filipe II entre 359 e 336 a.e.c. Originalmente, a cunhagem foi realizada com o objetivo de pagar os mercenários bretões que serviram no exército de conquista de Filipe II no Mediterrâneo. Os sucessores de Filipe II também cunharam esse modelo de estáter, inclusive em maior quantidade (De Jersey, 1996, p. 6), propagando o estáter por mais gerações. A iconografia presente no obverso da moeda é o busto laureado do deus Apolo, enquanto o seu reverso possui uma pessoa comandando uma biga puxada por dois cavalos.

---

<sup>10</sup> Estáter ou στατήρ é um tipo de moeda de origem grega, feita majoritariamente com prata ou ouro.

**Figura 1**

*Estáter de ouro de Filipe II da Macedônia<sup>11</sup>*



A figura 1 é um exemplo do estáter oficial de Filipe II cunhado em Pela, Grécia. A moeda foi cunhada c. 345 a.e.c. - c. 310 a.e.c. e teve por uso o pagamento de pessoas que participaram de serviços militares. O busto laureado de Apolo representa o triunfo de Filipe II e seu exército. Entretanto, na figura 2 o estáter representado agora é uma imitação do modelo presente na figura 1, ambos possuem no reverso uma inscrição do nome *Φιλίππου (Philippou)*<sup>12</sup>. A imitação em ouro foi cunhada em c. século 3 a.e.c. - c. século 2 a.e.c. na Gália, região com presença de populações ditas celtas. Apesar dos motivos iconográficos, material e peso serem os mesmos, há diferenças no estilo das moedas das figuras 1 e 2. A biga puxada por dois cavalos é frequentemente associada a triunfos, reforçando a ideia de poder e conquista. A inscrição do nome de Filipe II da Macedônia está no mesmo lado da imagem da biga, reforçando a associação de Filipe II com a vitória militar e adicionando uma camada política e simbólica importante. A representação que une o nome do rei a um busto laureado de Apolo pode ser entendida como uma estratégia de legitimação política. Apolo, símbolo de luz, verdade, harmonia e profecia, era frequentemente associado à ideia de civilização e ordem divina. Ao conectar-se com a imagem do deus laureado, Filipe II estaria reforçando não apenas seu triunfo militar, mas também essa ordem divina. A escolha iconográfica contribui para construir e perpetuar sua autoridade e poder. É possível que, ao incluir tais elementos, ele tenha procurado reforçar sua imagem como um líder vitorioso e quase divinizado.

---

<sup>11</sup> BRITISH MUSEUM. Estáter de ouro de Filipe II da Macedônia, c. 345 a.e.c. - c. 310 a.e.c., Grécia. Disponível em: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/C\\_BNK-G-1137](https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_BNK-G-1137). Acesso em: 22/11/2023.

<sup>12</sup> Essa era a forma utilizada pelos gregos para se referir a Filipe II.



A associação entre os elementos das moedas e a legitimação de poder dos emissores dessas cunhagens já foi debatida por diversos pesquisadores. A moeda, enquanto meio de propaganda política, pode ser analisada a partir do detalhamento de seus componentes:

O primeiro elemento, o metal usado, informava-o sobre a riqueza de um povo. Os outros dois elementos – tipo e legenda – diziam-lhes algo sobre a arte, ou seja, o maior ou menor aperfeiçoamento técnico usado no fabrico do numerário circulante, sobre o poder emissor e, sobretudo, sobre a ideologia político-religiosa que lhe dava o corpo. Atuavam como um meio de propaganda, onde as representações, em seus aversos e reversos, legitimavam seu poder (Carlan; Funari, 2012, p. 66).

Essa análise ressalta como os materiais, as inscrições e a iconografia escolhida das moedas contribuíam para transmitir mensagens de poder e reforçar a autoridade política e religiosa dos emissores.

Em sociedades da Antiguidade, como Roma, onde a maioria da população era analfabeta, a moeda tornou-se um elemento capaz de legitimar e unir a diversa população romana: “com uma política de constante expansão e assimilação de novos povos, criar uma consciência histórica legitimadora em um povo era importante forma de coerção social, evitando revoltas e conflitos” (Coelho; Marques, 2020, p. 15). Na Grã-Bretanha, esses princípios também podem ser aplicados, considerando que, durante a Idade do Ferro, a população ainda era ágrafa e, posteriormente, passou a integrar o domínio de Roma.

### Figura 2

*Imitação de estáter de ouro de Filipe II da Macedônia<sup>13</sup>*



As diferenças no estilo são ainda mais visíveis em comparação com a figura 3, um estáter de ouro de c. século 2 a.e.c. do tipo Galo-Belga A, cunhado na Gália e escavado em Fenny Stratford, Inglaterra. O modelo Galo-Belga A possui em seu obverso um busto laureado e no seu reverso um cavalo, com a cabeça virada

<sup>13</sup> BRITISH MUSEUM. Imitação de estáter de ouro de Filipe II da Macedônia, c. século 3 a.e.c. - c. século 2 a.e.c., Gália. Disponível em: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/C\\_1861-0509-2](https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_1861-0509-2). Acesso em: 22/11/2023.

para o lado esquerdo. Acima do cavalo, no reverso, existem traços que poderiam identificar uma figura humana cavalcando o animal.

**Figura 3**  
*Estáter de ouro do tipo Galo-Belga A<sup>14</sup>*



As primeiras cunhagens a aparecerem em grande quantidade na Grã-Bretanha são as Galo-Belgas do tipo A ao F<sup>15</sup>, sendo as moedas dos tipos C ao F as que tiveram a maior e mais duradoura influência dentro da cunhagem bretã devido a um maior número de cunhagens derivativas dessas tipologias. Na figura 4, vemos o exemplo de abstração do modelo Galo-Belga C, que influenciou diferentes *designs* criando uma espécie de genealogia numismática que perdurou por alguns séculos e expandiu-se por diferentes regiões da Grã-Bretanha. Dessa maneira:

Uma moeda da Idade do Ferro era parte de um todo de duas maneiras: primeiramente, como uma etapa em uma série de *designs* mutáveis; em segundo lugar, como elemento do conjunto parcial de imagens que só se concretizou por meio de uma coleção de moedas. A mudança nos padrões de deposição dividiu ou combinou os desenhos de diferentes maneiras, inicialmente distribuindo pedaços de um desenho pela paisagem e posteriormente agregando esses desenhos por meio de agrupamentos<sup>16</sup> (Garrow; Gosden, 2012, p. 149)<sup>17</sup>.

14 BRITISH MUSEUM. Estáter de ouro do tipo Galo-Belga A, c. século 2 a.e.c., Inglaterra. Disponível em: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/C\\_1919-0213-17](https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_1919-0213-17). Acesso em: 22/11/2023.

15 A nomenclatura atribuída a essas moedas deriva do aporte metodológico do sequenciamento tipológico formulado por Rudd (2010) e De Jersey (1996).

16 Os agrupamentos ou *hoards* eram a principal forma de deposição de moedas no período, especialmente depois de 125 a.e.c. (Garrow; Gosden, 2012, p. 147), sendo a principal forma de descoberta de moedas bretãs. Esses agrupamentos consistiam no enterramento de uma coleção de objetos de valor da cultura material em grande quantidade, as moedas normalmente eram enterradas dentro de vasos.

17 “An Iron Age individual coin was part of a whole in two ways: firstly, as a step in a series of changing designs; secondly, as an element of the partial imagery that only came together through a collection of coins. Changing patterns of deposition split up or combined designs in different ways, initially distributing bits of a design across the landscape and later aggregating these designs through hoards.” Tradução da autora.

Do lado direito da figura 4 é representada a abstração dentro da cunhagem dos corieltáuvos<sup>18</sup>, população que habitava no nordeste da Grã-Bretanha. O obverso da maioria das moedas contém uma guirlanda proveniente da iconografia da coroa de louros utilizada no busto de Apolo, enquanto o reverso apresenta um cavalo e um cavaleiro<sup>19</sup> estilizados, remetendo à biga da moeda de Filipe II. A série de *designs* mutáveis produzidos pelos corieltáuvos foi prolífica, tomando a liberdade até de criar um modelo em que o clássico cavalo é substituído por um lobo<sup>20</sup>.

Ao lado esquerdo da figura 4 são apresentadas as mudanças advindas das populações durotriges<sup>21</sup>, presentes no sudoeste da Grã-Bretanha. A linha de cunhagem dos durotriges é maior que a dos corieltáuvos, exibindo, portanto, uma maior abstração em comparação. Após aproximadamente três séculos da utilização do estáter de Filipe II pelos bretões, os durotriges representavam a iconografia com traços simples e círculos. Assim, sintetizando o *design* inicial explícito para um prisma especulativo por meio de uma escolha estilística e cultural que se distanciava da cultura que adentrou a Grã-Bretanha pelos serviços mediterrâneos. Os bretões possuíam a habilidade de cunhagem necessária para uma imitação fidedigna do modelo original, como é aparente nas moedas iniciais, mas com o desenvolvimento da cunhagem eles distanciam-se cada vez mais de sua inspiração. Dessa maneira, é possível supor que a subjetividade foi uma escolha consciente e estética dessa cultura, “as moedas (...) mudam de forma sequencial para que hoje possamos formá-las em séries nas quais, pelo menos

---

18 Os corieltáuvos (em latim: *Corieltauvi*) eram uma população bretã localizada na região dos Midlands do Leste, na atual Inglaterra. Sua capital, chamada em latim de *Ratae Corieltavorum*, corresponde à atual cidade de Leicester. Esse grupo esteve presente na região durante a Idade do Ferro e, após a ocupação romana da Grã-Bretanha, foi incorporado à província romana da Britânia.

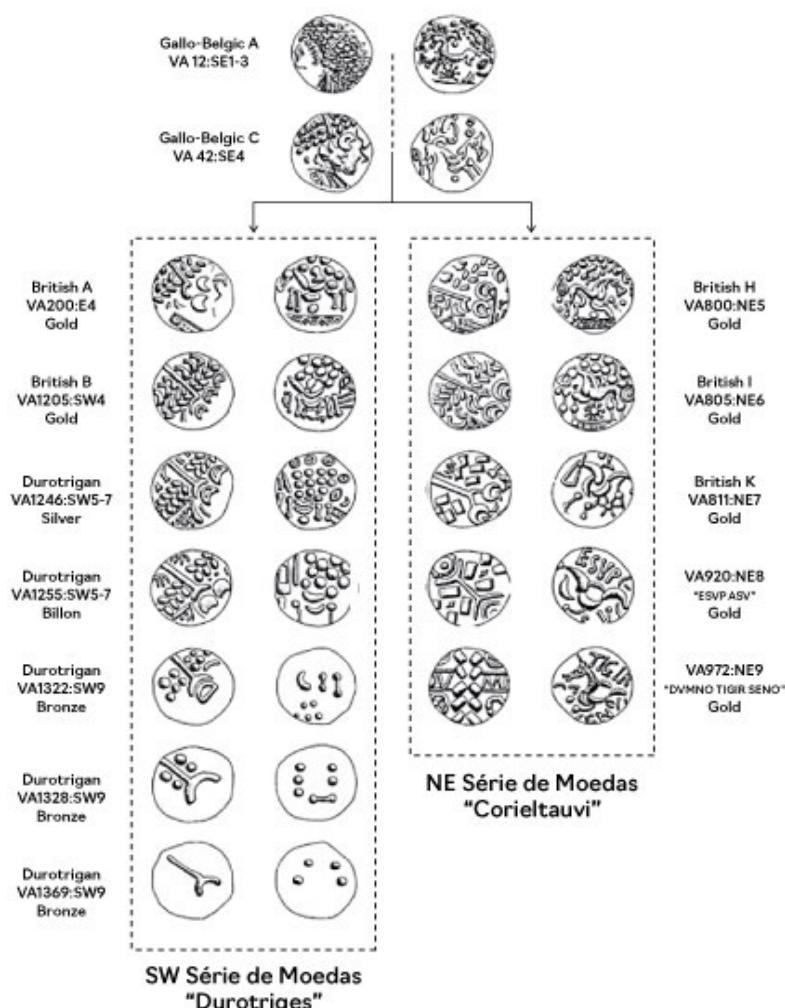
19 Os motivos de guerreiros montados eram uma das iconografias mais populares da cunhagem bretã da Idade do Ferro, estando presente em um grande número de moedas e contando com possíveis figuras femininas representando essa imagem em alguns casos. Essas moedas com mulheres podem ser consultadas pelo acervo *online* do British Museum, disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection>.

20 O modelo de estáteres *Norfolk Wolf* surge c. 40 a.e.c. no norte da Grã-Bretanha. No mundo celta continental, moedas armoricanas retratam lobos devorando o sol e a lua, simbolizando a dualidade entre forças celestes (a águia associada a Júpiter) e telúricas (a serpente) (Green, 2002, p. 159). O lobo poderia incorporar aspectos culturais regionais específicos ou até mitos compartilhados entre diferentes grupos celtas, como no caso das moedas de tipologia *Norfolk Wolf* nas Ilhas Britânicas e a cunhagem armoricana na Gália, servindo como uma expressão visual de animais selvagens que comumente não eram caçados (Green, 2002, p. 51).

21 Os durotriges habitavam, durante a Idade do Ferro, a região que hoje corresponde ao sudoeste da Inglaterra, abrangendo as atuais cidades de Dorset, Wiltshire, Somerset e Devon. Assim como os corieltáuvos, os durotriges foram incorporados à província romana da Britânia após a ocupação romana da Grã-Bretanha. Eles foram representados pelas cidades de *Durnovaria* (atual Dorchester) e *Lindinis* (atual Ilchester).

nos primeiros períodos, se percebe um processo de abstração” (Garrow; Gosden, 2012, p. 152)<sup>22</sup>. Existem algumas outras moedas do início da cunhagem bretã que também valem ser mencionadas: um agrupamento do século II a.e.c. com dracmas cunhados no norte da Itália e encontrada no sudoeste bretão, assim como moedas de bronze cartaginesas produzidas entre o século IV e o III a.e.c. ao sudeste da Grã-Bretanha.

**Figura 4**  
*Variações de cunhagem a partir do tipo Galo-Belga C<sup>23</sup>*



As moedas de Filipe II da Macedônia, especialmente os estáteres de ouro citados, desempenharam um papel crucial na introdução de um modelo monetário

<sup>22</sup> “Coins (...) change in a sequential manner so that today we can form them into series in which, in the earlier periods at least, a process of abstraction can be seen.” Tradução da autora.

<sup>23</sup> GARROW, Duncan; GOSDEN, Chris. **Technologies of Enchantment?: Exploring Celtic Art: 400 BC to AD 100.** Oxford: Oxford University Press, 2012.

na Grã-Bretanha durante a Idade do Ferro. Essas moedas foram inspiradas pelo modelo de Filipe II, utilizado inicialmente para pagar mercenários bretões que participaram das campanhas militares no Mediterrâneo, mas sua produção nas áreas celtas teve um propósito mais amplo, relacionado ao estabelecimento inicial das economias locais e ao aumento das interações comerciais. A adaptação das moedas, tanto em termos de técnica quanto de estilo, reflete a interação cultural entre os bretões e as culturas mediterrâneas, mostrando como esses povos se apropriaram das formas de cunhagem externa e as integraram ao seu próprio sistema simbólico. A propagação do modelo de Filipe II pelos sucessores, em maior quantidade, ampliou a disseminação de suas cunhagens na Gália e nas Ilhas Britânicas, criando uma conexão tangível entre os celtas insulares e o mundo mediterrâneo (De Jersey, 1996, p. 6).

A transição do estâter original para suas versões cunhadas na Grã-Bretanha revela não apenas uma adaptação técnica, mas também um processo criativo de abstração cultural. Os bretões, ao longo do tempo, começaram a distanciar-se das representações rígidas presentes nos modelos macedônios, optando por um estilo simplificado e subjetivo. Isso é visível, por exemplo, nas moedas do tipo Galo-Belga A (Figura 3), que, embora ainda contenham elementos da iconografia original, como o busto laureado e a biga, começaram a introduzir inovações que refletiam o contexto local, como a presença do cavalo estilizado. Essa transformação não foi apenas estética, mas também simbólica, representando uma escolha consciente por parte dos bretões de adaptar as influências externas às suas próprias tradições e valores culturais. Essa flexibilidade criativa, visível nas moedas de populações como os corieltáuvos e os durotriges, mostra a habilidade de reinterpretar e redefinir as influências estrangeiras, criando um sistema monetário com identidade própria.

A evolução da cunhagem bretã ao longo dos séculos reflete um processo de adaptação cultural em que as moedas servem não apenas como meio de troca, mas também como um canal de expressão social e iconográfica. A introdução de figuras como cavalos e cavaleiros estilizados, presentes nas moedas, é uma forma de afirmar poder e autoridade. A escolha de representar um cavalo, um animal altamente simbólico para os bretões, ao lado de figuras humanas ou como parte de um *design* mais abstrato, reflete uma fusão entre a arte, a política e a mitologia, um processo que culmina em um sistema monetário único que transcende sua utilidade econômica. Essas transformações no *design* das moedas, que evoluem de representações mais diretas para uma abstração cada vez maior, indicam a



construção de um legado cultural próprio, ao mesmo tempo em que adaptavam influências externas para expressar suas crenças e valores (Garrow; Gosden, 2012, p. 152).

### Iconografia Equestre

As figuras equestres tinham grande presença na arte bretã da Idade do Ferro. Os cavalos poderiam ser analisados por meio de duas principais lentes: animal ligado a uma casta de cavaleiros, conhecidos como guerreiros montados e por consequência com um motivo iconográfico devido a sua inserção na cultura local. Dentro da arte bretã:

(...) os principais artefatos se enquadram em duas classes: aqueles conectados com o corpo humano e aqueles ligados a cavalos e carruagens. Em moedas posteriores, e na decoração repuxada de baldes como o de Aylesford, Kent, pessoas e cavalos se misturam, de modo que um cavalo pode ter cabeça ou pernas humanas (Garrow; Gosden, 2012, p. 146)<sup>24</sup>.

O cavalo está intrinsecamente relacionado ao conceito de poder. O animal utilizado pelos cavaleiros simbolizava o poder dos governantes e da classe dominante. O cavaleiro não apenas representava o poder, mas também o próprio cavalo pode ter sido ritualmente significativo por si só. Conceituar a ideia do poder da realeza não é algo proveniente unicamente dessa classe, mas é um derivado das relações e unidade entre o ser humano e o mundo natural, muitas vezes sendo comparado e representado como uma espécie de casamento entre a vida humana com a natureza na qual se habita. Outras formas de arte também apresentam esses motivos. Para a literatura:

As conexões entre cavalos e a classe dominante estão representadas na literatura vernácula irlandesa<sup>25</sup>, onde a relação homem/cavalo era fundamental para o conceito de realeza. As sagas da Irlanda Antiga e Média preservaram uma série de imagens do que significava a realeza numa forma de sociedade comparável, embora inevitavelmente diferente, à Grã-Bretanha da Idade do Ferro (Creighton, 2000, p. 22)<sup>26</sup>.

---

24 "(...) the major artefacts fall into two classes: those connected with the human body and those connected with horses and chariots. In later coins, and in the repoussé decoration on buckets such as that from Aylesford, Kent, people and horses mix, so that a horse may have a human head or legs." Tradução da autora.

25 Um exemplo dessas conexões entre o mundo natural e humano, representado na literatura vernácula irlandesa, é *Betha Colmáin maic Lúacháin* (obra do século XII, em português A vida de Colman, filho de Luachan). Ao longo da obra, a cerimônia de iniciação de alguns reis inclui momentos em que esses líderes são tratados como cavalos, seja pela utilização de chicotes ou pela adoção de uma posição em que se apoiam com as mãos e joelhos no chão, semelhante à postura de um cavalo (Creighton, 2000, p. 23).

26 "Connections between horses and the ruling class are represented in the Irish vernacular literature, wherein the man/horse relationship was fundamental to the concept of kingship. Old and Middle Irish sagas have preserved a series of images of what the conferment of kingship

As figuras equestres eram uma temática já popularizada no Mediterrâneo, onde as moedas de Filipe II foram cunhadas:

As representações de cavalos, cavaleiros, carros de combates, são atributos de autoridade e poder. A figura do cavaleiro exercia fascínio no imaginário das culturas mediterrâneas. O cavaleiro armado, submetendo o inimigo caído, caracterizava um símbolo natural de vitória e constitui um esquema iconográfico, bem conhecido nas culturas helênicas, ou que estavam em contato com essa (Carlan; Funari, 2012, p. 68).

Essas influências da cultura mediterrânea perpassam a cunhagem bretã e são reafirmadas pela cultura religiosa celta, tanto insular quanto continental, que apresenta diferentes rituais e divindades com atributos equestres. O cavalo encontra-se também em outro patamar em comparação com os outros animais presentes nas Ilhas Britânicas. Os animais que foram domesticados eram utilizados para a pecuária e havia os animais selvagens. Entretanto, o cavalo não pertencia a nenhuma dessas duas categorias, ele possuía o contato e era utilizado para diversas atividades por humanos, mas eram raros os casos de seu uso para a produção alimentar. Assim, os cavalos se uniram a outras duas espécies de animais que não se encaixavam propriamente em nenhuma das duas categorias apresentadas: cães e humanos (Creighton, 2000, p. 25).

### **Epona e as Representações de Divindades Equestres nas Culturas Celtas**

Epona é uma deusa celta amplamente associada aos cavalos, especialmente venerada na Gália e em outras regiões de influência celta. Representada frequentemente ao lado de cavalos, ela desempenhava papéis que iam além da proteção desses animais, sendo também associada a temas de fertilidade e, em algumas tradições, como guia na passagem para a vida após a morte (Linduff, 1979, p. 821). Essa conexão evidencia a relação simbiótica entre os celtas e os cavalos, reforçando a percepção de que esses animais eram mais do que simples ferramentas utilitárias – assumiam também significados religiosos e culturais. Na iconografia galo-romana, Epona aparece como uma entidade pacífica, desprovida de atributos de guerra (Waddell, 2018, p. 13). Suas representações destacam qualidades protetoras e nutridoras, sugerindo sua associação com os ciclos da vida e da morte. Em algumas interpretações, ela é vista como uma escolta para as almas recém-falecidas, reforçando seu papel como intermediária espiritual. A relação entre figuras míticas celtas associadas a cavalos, como Macha (na

---

meant in a form of society comparable with, though inevitably different to, Iron Age Britain.”  
Tradução da autora.

Irlanda) e Rhiannon (no País de Gales), permite reflexões sobre a conexão entre Epona e outras divindades equinas. Macha é uma figura ligada à soberania e à guerra, enquanto Rhiannon é associada à fertilidade, realeza e aos cavalos. Ambas sugerem uma fusão simbólica entre as identidades humana e animal, reforçando o papel central dos cavalos como símbolos de poder, fertilidade e transcendência.

As associações de Epona como guia para a vida após a morte podem estar relacionadas ao vínculo de mulheres bretãs com cavalos em questões ritualísticas ou fúnebres. Dentro do *Mabinogion* (coletânea dos séculos XII-XIII de manuscritos da mitologia galesa) existem textos que retratam Rhiannon como uma cavaleira ligada a um poder destrutivo. Essa dualidade protetora e destrutiva, vida e morte, pode ser conectada à presença de enterramentos funerários de mulheres da Idade do Ferro com torques (Figura 5), uma espécie de colar feito com um fio metálico retorcido (Linduff, 1979, p. 834). Os torques eram “(...) emblemas de poder, autoridade e status na sociedade celta secular”<sup>27</sup> (Green, 1996, p. 79), sendo utilizados por mulheres na morte devido ao seu status de poder e por guerreiros como amuletos. Outros motivos relacionados a cavalos também podem ser encontrados em contextos funerários. Em um jarro com um cavalo na tampa, depositado em um contexto funerário, Green sugere que o animal representaria uma conexão com a violência e a disjunção da morte (Green *apud* Waddell, 2018, p. 13).

### Figura 5

*Estátua de pedra (c. século I - c. século II d.e.c.) da deusa Epona segurando um torque ao lado de um cavalo em Alise-Sainte-Reine, Borgonha*<sup>28</sup>



---

27 “(...) emblems of power, authority, and rank in secular Celtic society”. Tradução da autora.

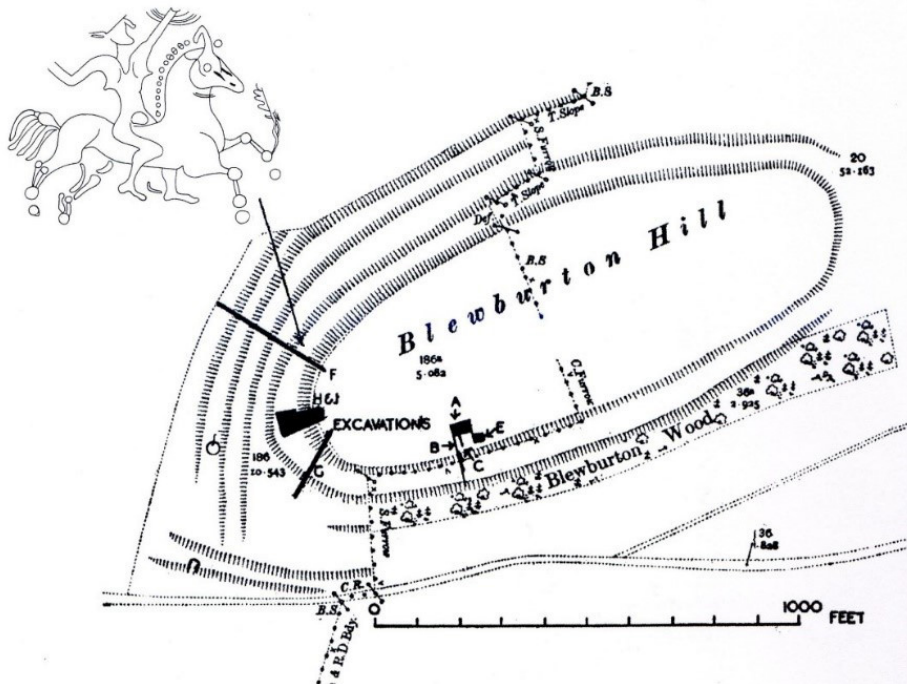
28 GREEN, Miranda. **Celtic art**. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1996.

Há hipóteses, como a levantada por (Waddell, 2018, p. 13), que propõem a existência de um conceito sobrenatural equino compartilhado entre as culturas celtas, no qual Macha, Rhiannon e Epona poderiam ser manifestações distintas. Nesse contexto, Epona seria uma versão mais antiga e sintetizada dessa figura, enquanto Macha e Rhiannon representam desenvolvimentos posteriores de um arquétipo equino comum. A comparação entre textos medievais e materiais do período romano não sugere necessariamente uma ligação direta entre essas figuras, mas destaca a diversidade de representações e interpretações de divindades equestres nas tradições celtas. Essas narrativas oferecem um prisma de uma figura mítica central para essas sociedades, na qual atributos de fertilidade, soberania e transcendência se entrelaçam com os significados simbólicos dos cavalos.

Os cavalos ocupavam um papel central na cosmologia e cultura dos celtas, sendo símbolos de status, poder e sacralidade. Sua importância transcendia o uso utilitário, carregando significados profundos que refletiam a estreita relação entre humanos e animais no imaginário celta. Evidências arqueológicas reforçam essa percepção. Enterramentos que incluem cavalos, como os descobertos em Blewburton, Oxfordshire, destacam o caráter simbólico e ritualístico atribuído a esses animais. Escavações conduzidas por A.E.P. Collins no final da década de 1940 revelaram o sepultamento de um esqueleto humano, um cavalo e um cachorro. O humano foi encontrado com uma perna sob os quartos traseiros do cavalo, enquanto o esqueleto completo do cachorro estava posicionado abaixo (Collins *apud* Waddell, 2018, p. 11).

**Figura 6**

*Forte em Blewburton Hill, Oxfordshire (segundo A.E.P. Collins, 1952), onde foram encontrados os restos de uma mulher posicionada a cavalo em um corte na vala ao norte da entrada<sup>29</sup>*



*Legenda: Planta de Blewburton Hill*

Uma reavaliação realizada em 2010 trouxe novas perspectivas sobre esse achado: o conjunto esquelético humano representa dois indivíduos, sendo que um deles, anteriormente identificado como um homem montado no cavalo, foi reinterpretado como uma mulher alta (Bendrey, Leach e Clark, 2010). Além disso, adornos equestres associados a sepulturas femininas reforçam o vínculo entre mulheres e cavalos em contextos funerários, indicando a possível existência de práticas rituais que combinavam esses elementos. Essas descobertas sugerem que os cavalos, além de representarem status, estavam associados a significados simbólicos profundos, incluindo o poder feminino e a soberania. A presença deliberada de mulheres em contextos funerários com cavalos pode ser interpretada como um reflexo da realeza ou da autoridade feminina em algumas sociedades celtas, consolidando a visão de que esses animais desempenhavam um papel essencial na estruturação das hierarquias e mitologias celtas. Um exemplo de autoridade feminina bretã é Boudicca (também conhecida em latim como *Boudicea*). Ela foi uma líder dos icenos<sup>30</sup> (c. 60-61 d.e.c.) que era

<sup>29</sup> WADDELL, John. Equine Cults and Celtic Goddesses. **EMANIA: Bulletin of the Navan Research Group**, [s. l.], n. 24, 2018.

<sup>30</sup> Os icenos foram uma população que habitou o leste da Grã-Bretanha no período correspondente



cavaleira e muitas vezes era representada com cavalos. Em Tácito (Anais. Livro 14, capítulo 35) ela é citada utilizando um carro com cavalos em um cenário de guerra e para os bretões não havia distinção de gêneros entre seus líderes. Essa fusão simbólica das identidades humana e animal nos rituais funerários revela um aspecto fascinante da cultura celta, no qual a relação entre humanos e cavalos ultrapassava o domínio material, alcançando o espiritual e o sagrado.

### Considerações Finais

Em suma, a cunhagem bretã durante a Idade do Ferro representa um fenômeno multifacetado que transcende a mera função econômica. A diversidade e complexidade das técnicas de produção, bem como a variedade de símbolos e motivos utilizados apontam para um sistema monetário profundamente enraizado em uma identidade cultural em constante evolução. A cunhagem atuou como um testemunho histórico das populações autóctones da Grã-Bretanha e das suas interações com a cultura de outras civilizações, relatando as dinâmicas sociais, culturais e comerciais. Portanto, a interação entre diferentes influências culturais e artísticas na cunhagem é evidente, refletindo não apenas a tecnicidade de sua produção, mas também a riqueza simbólica e social desses artefatos numismáticos.

O caráter multifacetado da cunhagem bretã se manifesta em sua capacidade de unir aspectos funcionais e simbólicos em uma única prática. Mais do que simples meios de troca, as moedas bretãs revelam uma dimensão profundamente conectada à identidade cultural e às estruturas sociais dessas populações. A escolha dos motivos iconográficos e a elaboração técnica das moedas não apenas demonstram um domínio técnico avançado, mas também uma consciência do valor dessas produções como veículos de comunicação e representação. A análise das moedas bretãs como veículos de comunicação revela que essas cunhagens foram utilizadas para transmitir identidade, comunicando visualmente aspectos culturais das populações que as produziram. A escolha dos motivos iconográficos, como cavalos ou elementos abstratos, não apenas reforçava a posição de lideranças locais, mas também estabelecia uma conexão simbólica com mitos e alianças sociais, demonstrando o papel das moedas como meios de articulação cultural e representação coletiva. Por meio de suas cunhagens, os povos bretões

---

à Idade do Ferro bretã e a ocupação romana na região, quando a sua capital era *Venta Icenorum* (atual Caistor St. Edmund, no condado de Norfolk).

evidenciam suas tradições e mitologias, para além de transações comerciais e evidenciar poderes.

A influência externa, especialmente a partir de modelos mediterrâneos, como os estáteres de Filipe II da Macedônia, não foi simplesmente absorvida, mas adaptada de maneira criativa para atender às necessidades e perspectivas das comunidades locais. Esse processo de apropriação e transformação ilustra a vitalidade cultural dos bretões e sua habilidade em integrar elementos estrangeiros em suas tradições, gerando artefatos que dialogavam com as realidades locais sem perder de vista a conectividade com redes mais amplas.

Além disso, a iconografia predominante, frequentemente marcada pela presença de cavalos, destaca a relevância desses animais como símbolos centrais na cosmologia e na hierarquia social bretã. A associação dos cavalos a conceitos de poder, soberania e transcendência é evidente tanto na cunhagem quanto em outras expressões materiais e espirituais, revelando uma interligação entre os domínios humano e animal que transcende o uso prático para alcançar significados amplos e duradouros.

Portanto, o estudo da cunhagem bretã durante a Idade do Ferro permite acessar múltiplas camadas da vida dessas sociedades, desde suas interações comerciais e políticas até suas crenças e imaginários culturais. As moedas, como objetos materiais, carregam em si narrativas que enriquecem nossa compreensão do passado, fornecendo evidências não apenas das práticas econômicas, mas também das dinâmicas identitárias, sociais e simbólicas que moldaram as culturas bretãs.

Dessa forma, a cunhagem bretã não deve ser vista apenas como uma prática econômica, mas como um fenômeno cultural de grande sofisticação, que integra aspectos técnicos, artísticos e simbólicos. Por meio de suas moedas, os povos bretões nos legaram um rico testemunho de sua história, evidenciando a complexidade e profundidade de uma sociedade cujas realizações continuam a inspirar e informar os estudos sobre o passado.

## Referências:

BENDREY, Robin; LEACH, Stephany; CLARK, Kate. New light on an old rite: Reanalysis of an Iron Age burial group from Blewburton Hill, Oxfordshire. In: MORRIS, James; MALTBY, Mark. **Integrating Social and Environmental Archaeologies: Reconsidering Deposition**. Oxford: BAR Publishing, 2010.

CARLAN, Claudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo. **Moedas: A Numismática e o estudo da História**. São Paulo: Annablume, 2012.

CHAPMAN, Malcom. **The Celts: The construction of a myth**. Londres: Macmillan, 1992.

COELHO, Lincoln Mansur.; MARQUES, Adílio Jorge. The numismatics on antiquity as a developing element of historical consciousness. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 3, p.1-18. jan. 2020.

COLLIS, John. Celtic myths. **Antiquity**. Cambridge, v. 71 n. 271, p. 195-201, mar. 1997.

CREIGHTON, John. **Coins and Power in the Late Iron Age Britain**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CUNLIFFE, Barry. **The Celts: A Very Short Introduction**. [S. l.]: Oxford University Press, 2003.

DA COSTA, Lorena Lopes. A Falsificação e o Teatro Grego: Duas Faces da Mesma Moeda. **Phoënix**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 43-58, 2016.

DE JERSEY, Philip. **Celtic Coinage in Britain**. Londres: Shire Publications, 1996.

GARROW, Duncan; GOSDEN, Chris. **Technologies of Enchantment?: Exploring Celtic Art: 400 BC to AD 100**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

GREEN, Miranda. **Animals in Celtic Life and Myth**. Londres: Routledge, 2002.

GREEN, Miranda. **Celtic art**. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1996.

JAMES, Simon. Celts, politics and motivation in archaeology. **Antiquity**, Cambridge, v. 72, n. 275, p. 200-209, mar. 1998.

KEMMERS, Fleur; MYRBERG, Nanouschka. Rethinking numismatics. The archaeology of coins. **Archaeological Dialogues**. Cambridge, v. 18, n. 1. p. 87-108, jun. 2011.

LINDUFF, Kathryn M. Epona: a Celt among the Romans. **Latomus: Societe d'Etudes Latines**. Bruxelas, [s. l.], v. 38, p. 817-837, 1979.

MATTINGLY, David. **An Imperial Possession: Britain in the Roman Empire**. Londres: Penguin Books, 2007.

MEGAW, John Vincent Stanley; MEGAW, M.Ruth. Ancient Celts and modern ethnicity. **Antiquity**, Cambridge, v. 70 n. 267, p. 175-181, mar. 1996.

MEGAW, John Vincent Stanley; MEGAW, M.Ruth. The mechanism of (Celtic) dreams?: A partial response to our critics. **Antiquity**, Cambridge, v. 72 s.n., p. 432-435, jun. 1998.

RUDD, Chris. **Ancient British Coins**. Norwich: Chris Rudd Norwich, 2010.

TÁCITO. **Complete Works of Tacitus**. Tradução: Alfred John Church e William Jackson Brodribb. Nova York: Random House, 1942.

WADDELL, John. Equine Cults and Celtic Goddesses. **EMANIA**: Bulletin of the Navan Research Group, [s. l.], n. 24, 2018.